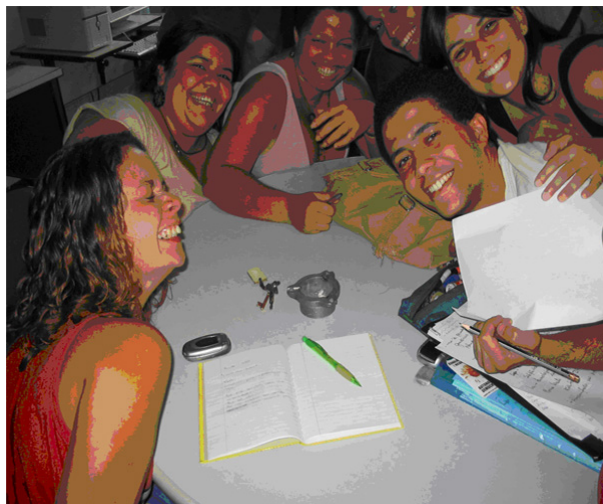


MOVIMENTO ESTUDANTIL E SUAS VÁRIAS IMAGENS



Para ampliarmos o nosso olhar e alicerçarmos nossas reflexões em torno do movimento estudantil é necessário despirmos o pensamento presente no imaginário social que é relativo a este grupo. Muitas vezes uma conceitualização e caracterização preconceituosa, que fortalece a reprodução de um estigma que menciona o movimento estudantil e seus praticantes como geradores de desordem, badernas, arruaça e bagunça. É comum escutarmos falas, embasadas nesse pensamento, que mencionam que a prática e participação nesse movimento seriam o mesmo que gastar o seu tempo em um vazio, contribuindo assim para atribuição de um status marginal ao grupo e seus praticantes, já que esse tempo poderia ser investido e destinado a um lugar de produção de conhecimento formal, considerando que na sociedade em que vivemos esses aspectos possuem mais valor.

Pensar na diluição desses estereótipos que o movimento e seus praticantes carregam e valorizar esse espaço como um lugar de produção de conhecimento e cultura, nos faz pensar a forma

equivocada como é lembrado o movimento estudantil. Encarar esse espaço apenas como lugar de reivindicação é resumir as atitudes do movimento apenas às práticas que são publicizadas, como as passeatas, protestos, abaixo-assinados. Desta maneira, fatos que são de extrema relevância assumem papel coadjuvante. Pouco é mencionado sobre os múltiplos saberes que são tecidos no cotidiano de seus praticantes, saberes que não são ensinados em espaços de ensino formal ou de maneira teórica, mas tem seu aprendizado constituído no fazer, no seu uso cotidiano (CERTEAU, 1994).

Escolhi essa imagem, já que, justamente, ela mostra esse outro lado do movimento estudantil. Essa foto foi tirada numa das reuniões do Movimento Dias de Luta, grupo que surgiu no curso de Pedagogia - UERJ/Maracanã, primeiramente com o intuito de disputar o Centro Acadêmico do curso. Entretanto, só após o processo eleitoral ele passa a se nomear como movimento.

Quando pensamos em imagens de movimentos sociais, assim como movimento estudantil, pensamos sempre nas fotografias retratando grandes passeatas e mobilizações. Porém, a impressão que tenho é que muitas pessoas não compreendem o trabalho anterior que se tem para que esses atos sejam realizados. Muitas são as reuniões, discussões, escrita de panfletos, chamadas para que as pessoas participem, ou seja, existe todo um trabalho coletivo para que esses atos aconteçam. Também se faz necessário ressaltar que não podemos resumir as práticas desse *espaçotempo*⁽¹⁾ a esse tipo de ações.

Será que, com um primeiro olhar, nós pensaríamos que essa fotografia retrata um dos contextos cotidianos do movimento estudantil? Acredito que a análise mais recorrente que poderíamos fazer dessa fotografia remete à idéia que ela tenha sido tirada em um momento de descontração, numa reunião de estudantes para a realização de um trabalho em grupo, prática muito comum, principalmente no curso de Pedagogia. Falo isso, pois, não

participando e nem conhecendo o contexto retratado, essa seria um das minhas interpretações.

Não pretendo, com isso, qualificar uma análise certa ou errada para essa fotografia. Sei que, assim como há uma intenção do produtor (fotógrafo) na realização da imagem, também haverá diferentes leituras, que dependerão das redes de significados e conhecimentos que cada pessoa está mergulhada.

Por fim, o meu objetivo com essa imagem é simplesmente mostrar outra possibilidade de representação/apresentação do movimento estudantil. Mostrar que existem outras imagens que também retratam esse movimento para além daquelas emblemáticas fotografias de manifestações e passeatas.

(1)No grupo de pesquisa na qual participo, buscamos superar as dicotomias criadas pelas ciências na Modernidade. Buscamos escrever este termo e outro - ensinoaprendizagem, saberesfazeres, práticateoriaprática, dentrofora, etc. - juntos, pois não acreditamos que esses podem ser separados. Por isso sempre optamos em juntá-los, destacando com itálico.

.....

✓ Thais Barcelos: Aluna do curso de Pedagogia da UERJ. Bolsista PIBIC/CNPq no Laboratório Educação e Imagem.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano – artes de fazer.* Petrópolis: Vozes, 1994.